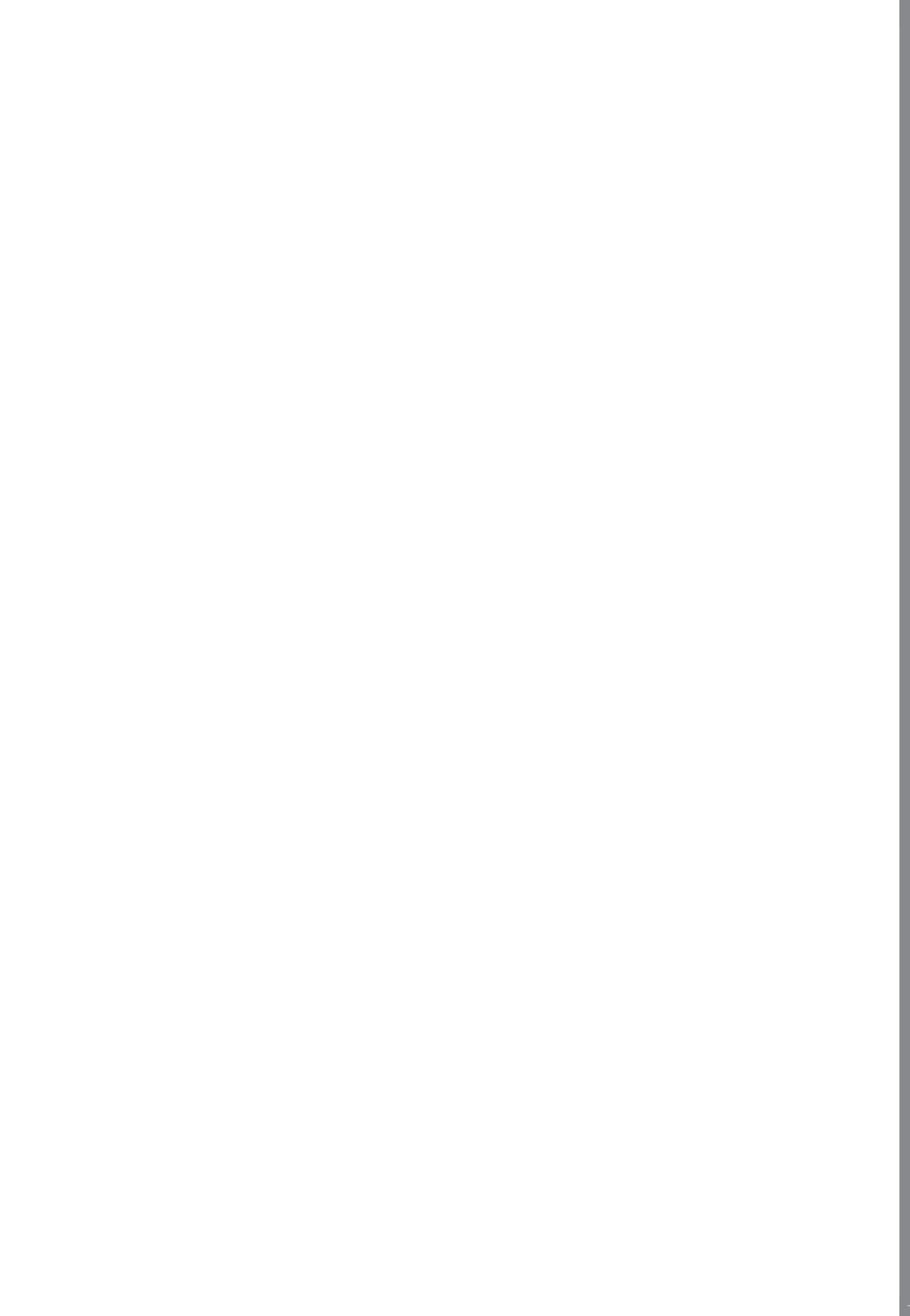
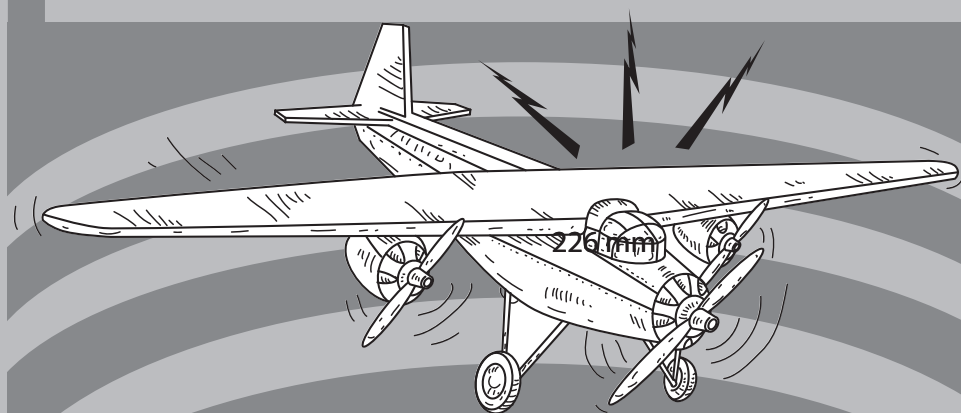


GEORGE ORWELL

UM POUCO DE AR,
POR FAVOR



GEORGE ORWELL



UM POUCO DE AR, POR FAVOR

TRADUÇÃO
PETÊ RISSATTI



Principis



Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
Coming up for air

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Texto
George Orwell

Diagramação
Linea Editora

Tradução
Petê Rissatti

Imagens
NatSmith1/Shutterstock.com;
Tuleedin/Shutterstock.com;
pimchawee/Shutterstock.com

Revisão
Fernanda R. Braga Simon

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

O79p Orwell, George, 1903-1950
 Um pouco de ar, por favor / George Orwell ; traduzido por Petê
 Rissatti. - Jandira, SP : Principis, 2021.
 256 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da literatura mundial)

Tradução de: *Coming up for air*
ISBN: 978-65-5552-367-6

1. Literatura inglesa. 2. Ficção. I. Rissatti, Petê. II. Título. III. Série.

2021-596

CDD 823.91

CDU 821.111-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : Ficção 823.91
2. Literatura inglesa : Ficção 821.111-3

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

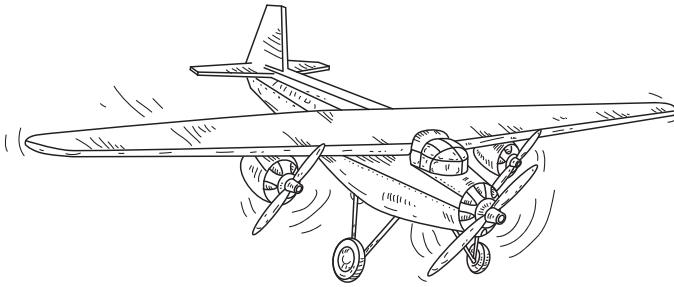
“Ele está morto, mas não vai se deitar.”

Música popular

SUMÁRIO

PARTE 1.....	9
PARTE 2.....	43
PARTE 3.....	159
PARTE 4.....	193

PARTE 1



CAPÍTULO 1

A ideia realmente surgiu no dia em que fiz meus novos dentes postiços.

Lembro-me bem daquela manhã. Por volta das quinze para as oito, pulei da cama e entrei no banheiro bem a tempo de fechar as crianças para fora. Era uma manhã horrível de janeiro, com um céu sujo de cinza-amarelado. Lá embaixo, pelo pequeno quadrado da janela do banheiro, eu conseguia ver os nove metros por quatro e meio de grama, com uma cerca viva de alfeneiro em volta e um pedaço de terra no meio – que chamamos de jardim dos fundos. O mesmo jardim nos fundos, os mesmos alfeneiros e a mesma grama existem atrás de cada casa na Ellesmere Road. A única diferença: onde não há crianças, não há um pedaço de terra vazio no meio.

Eu estava tentando me barbear com uma lâmina cega, enquanto a água corria dentro da banheira. Meu rosto me encarou pelo espelho e, embaixo dele, em um copo d'água na pequena prateleira acima da pia, estavam os dentes que pertenciam àquele rosto. Era a prótese temporária que Warner, meu dentista, havia me dado para usar enquanto os novos estavam sendo confeccionados. Não tenho uma cara tão ruim, de fato. É um daqueles rostos vermelho-tijolo que combinam com o cabelo cor de

manteiga e olhos azul-claros. Nunca fiquei grisalho ou careca, graças a Deus, e, quando coloco meus dentes, provavelmente não aparento a minha idade, que é quarenta e cinco.

Fazendo uma nota mental para comprar lâminas de barbear, entrei na banheira e comecei a me ensaboar. Ensaboei os braços (tenho aqueles braços meio gorduchos que têm sardas até o cotovelo), peguei a escova para as costas e ensaboei meus ombros, que normalmente não consigo alcançar. É incômodo, mas tem várias partes do meu corpo que, hoje em dia, não consigo alcançar. A verdade é que tenho inclinação para ser um pouco gordo. Não quero dizer que sou uma atração de um espetáculo secundário em um parque de diversões. Meu peso não passa de 88 quilos. E, da última vez que medi minha cintura, estava com um metro ou um metro e dez, esqueci quanto. E não sou o que chamam de gordo “nojento”, não tenho uma daquelas barrigas que despencam quase até os joelhos. Apenas tenho as ancas um pouco mais largas, com tendência a ter forma de barril. Sabe aquele tipo de homem gordo e amável, o tipo atlético e saltitante que é apelidado de Gordinho ou Roliço e que é sempre a vida e a alma da festa? Sou desse tipo. Quase sempre me chamam de “Gordinho”. Gordinho Bowling. George Bowling é meu nome verdadeiro.

Mas, naquele momento, eu não me sentia a vida e a alma da festa. E me dei conta de que, hoje em dia, quase sempre tenho uma espécie de sentimento melancólico nas primeiras horas das manhãs, embora durma bem e minha digestão seja boa. Eu sabia o que era, claro – eram aqueles malditos dentes postiços. Aquela coisa era ampliada pela água no copo e sorria para mim como os dentes de uma caveira. Dá uma sensação horrível ter as gengivas se tocando, uma espécie de sensação de constrição, de boca amarrada, como quando se morde uma maçã azeda. Além disso, diga o que quiser, dentes postiços são um marco. Quando seu último dente natural se for, a época que você pode se enganar, pensando que é um xeque de Hollywood, está definitivamente no fim. E eu era gordo e tinha 45 anos. Quando me levantei para ensaboar a virilha, dei uma olhada em minha

figura. É ridículo dizerem que homens gordos são incapazes de verem seus pés, mas é verdade que, quando fico em pé, só consigo ver a parte dianteira dos meus. Nenhuma mulher, pensei enquanto passava o sabonete em volta da barriga, jamais olhará duas vezes para mim novamente, a menos que receba para isso. Não que naquele momento eu, particularmente, quisesse que qualquer mulher olhasse duas vezes para mim.

Mas, naquela manhã, me ocorreu que havia motivos pelos quais eu deveria estar com o humor melhor. Para começar, não trabalharia naquele dia. O carro velho, com o qual “cubro” meu distrito (devo dizer que estou no ramo de seguros. A Flying Salamander. Vida, incêndio, roubo, gêmeos, naufrágio – tudo) estava temporariamente na oficina e, embora eu tivesse que dar uma passada no escritório de Londres para entregar alguns papéis, eu realmente estava tirando o dia de folga para buscar meus novos dentes postiços. Além disso, havia outro assunto que estava indo e voltando da minha mente havia algum tempo. Era que eu tinha dezessete libras das quais ninguém mais tinha ouvido falar – ninguém da família, quero dizer. Foi assim que aconteceu. Um sujeito de nossa firma, chamado Mellors, tinha conseguido um livro chamado “Astrologia Aplicada às Corridas de Cavalos”, o qual provava que tudo é uma questão de influência dos planetas nas cores que o jóquei usa. Bem, em uma corrida ou outra, havia uma égua chamada “A Noiva do Corsário”. Uma azarona completa, mas a cor de seu jóquei era verde, que parecia ser justamente a cor para os planetas que, por acaso, estavam em ascensão. Mellors, que estava profundamente deslumbrado por esse negócio de astrologia, apostou várias libras no cavalo e implorou para eu fazê-lo também. No final, principalmente para calá-lo, arrisquei dez contos. Embora, normalmente, eu não aposte. Ironicamente, a Noiva do Corsário ganhou com os pés nas costas. Esqueci as probabilidades exatas, mas minha aposta virou dezessete libras. Por uma espécie de instinto – um tanto esquisito, e provavelmente indicando outro marco em minha vida –, eu simplesmente coloquei o dinheiro no banco e não disse nada a ninguém. Nunca tinha feito algo desse tipo antes.

Um bom marido e pai teria gastado em um vestido para Hilda (é a minha esposa) e sapatos para as crianças. Mas tenho sido um bom marido e pai há quinze anos e estava começando a ficar farto disso.

Depois de me ensaboar inteiro, me senti melhor e me deitei na banheira para pensar sobre minhas dezessete libras e em como gastá-las. Parecia que as alternativas eram ou um fim de semana com uma mulher ou gastar aos poucos com pequenas coisas, como charutos e uísques duplos. Eu tinha acabado de abrir um pouco mais a água quente e estava pensando em mulheres e charutos quando ouvi um barulho parecido com uma manada de búfalos descendo os dois degraus que levavam ao banheiro. Eram as crianças, claro. Duas crianças em uma casa do tamanho da nossa é como um litro de cerveja em uma caneca de quinhentos mililitros. Veio uma batida frenética do lado de fora e, em seguida, um berro de agonia.

– Papai! Quero entrar!

– Ora, você não pode. Vá embora!

– Mas, papai! Quero ir a um lugar!

– Então, vá para outro lugar. Ande logo. Estou tomando banho.

– Pa-PAAI! Eu quero IR A-UM-LU-GAR!

Não adiantava! Eu conhecia o sinal de perigo. O vaso sanitário fica no banheiro – ficaria, claro, em uma casa como a nossa. Tirei o tampão da banheira e me sequei parcialmente o mais rápido que pude. Quando abri a porta, o pequeno Billy – meu caçula, de 7 anos – passou disparado por mim, esquivando-se do cafuné que faria em sua cabeça. Só quando estava quase vestido e procurando uma gravata é que descobri que meu pescoço ainda estava ensaboado.

É um horror ficar com o pescoço ensaboado. Dá uma sensação pegajosa desagradável. É estranho que, por mais que nos esfreguemos cuidadosamente com uma esponja, depois de descobrir que o pescoço está ensaboado, ficamos nos sentindo pegajosos pelo resto do dia. Desci as escadas de péssimo humor e pronto para arranjar confusão.

Nossa sala de jantar – como as outras salas de jantar da Ellesmere Road – é um lugar pequeno e apertado. Quatro metros por três e meio, ou

talvez sejam três e meio por três. E o aparador de carvalho japonês – com os dois decantadores vazios e o porta-ovos de prata, que a mãe da Hilda nos deu de presente de casamento – não deixa muito espaço sobrando. A velha Hilda estava desolada atrás do bule, em seu estado usual de alarme e consternação, porque o jornal *News Chronicle* havia anunciado que o preço da manteiga estava subindo, ou algo assim. Ela não tinha acendido o fogareiro a gás e, embora as janelas estivessem fechadas, fazia um frio terrível. Abaixei-me e coloquei um fósforo no fogo, respirando alto pelo nariz (abaixar sempre me faz inspirar e arfar) como uma espécie de dica para Hilda. Ela lançou o olhar de soslaio que sempre me dá quando pensa que estou fazendo algo extravagante.

Hilda tem 39 anos e, quando a conheci, parecia uma lebre. Ainda parece, mas está muito magra e um tanto enrugada, com uma expressão taciturna e preocupada nos olhos. E, quando está mais chateada do que o normal, ela faz o truque de arquear os ombros e cruzar os braços sobre o peito, como uma velha cigana sobre o fogo. É uma daquelas pessoas que curtem a vida ao prever desastres. Apenas pequenos desastres, claro. Quanto a guerras, terremotos, pragas, fome e revoluções, ela não dá a mínima. A manteiga está encarecendo, a conta do gás está enorme, as botas das crianças estão desgastadas e há outra prestação do rádio – é a ladainha de Hilda. Conseguo o que eu, finalmente, concluí ser o prazer de balançar-se para a frente e para trás com os braços cruzados sobre o peito, me encarando e dizendo:

– Mas, George, é muito SÉRIO! Não sei o que vamos FAZER! Não sei de onde vamos tirar o dinheiro! Você parece não perceber o quão sério ISSO É! – e assim por diante. Está cravado com firmeza em sua cabeça que vamos acabar no abrigo. O engraçado é que, se algum dia tivermos que ir para o abrigo, Hilda não se importará nem um quarto do quanto eu me importarei. Na verdade, ela provavelmente vai gostar da sensação de segurança.

As crianças já estavam lá embaixo, de banho tomado e vestidas na velocidade da luz, como sempre fazem quando não há chance de manter